

# OS MENECSMOS

(*Menaechmi*) de Plauto

Tradução: Jaime Brunc (USP)

## PERSONAGENS:

MENECSMO moço residente em Epidano

SÓSICLES irmão gêmeo de Menecmo

MATRONA esposa de Menecmo

VELHO sogro de Menecmo

ERÓCIA rapariga, amante de Menecmo

CILINDRO cozinheiro de Erócia

MESSENIAO servo de Sóicles

ESCOVINHA parasita

UMA SERVA de Erócia

SERVOS do Velho

MÉDICO

MARUJOS

## CENÁRIO

Praça em Epidano. Numa casa da D. reside Menecmo; na casa [fronteira, Erócia. Há ruas que partem da D. e da E.

## PRÓLOGO

Senhores espectadores, em primeiro lugar, formulo votos de saúde e prosperidade para mim e para vocês. Trago-lhes Plauto; na ponta da língua, não na mão. Peço que o recebam com ouvidos benevolentes. Agora, ouçam o argumento e pres-

tem atenção; eu o resumirei em tão poucas palavras quanto puder.

É costume dos autores fazerem nas comédias o seguinte: apresentam toda a ação como passada em Atenas, para vocês acharem a coisa mais grega. Eu não: só mencionarei lugar onde fatos se deram. Este argumento também é gregizado, mas não atenizado e sim sicilianizado.

Barte isso como introdução. Passo agora a dar-lhes o argumento, não medido a quartas, nem a alqueires, mas a tulhas inteiras, tal a minha proclividade na exposição do assunto.

Vivia em Siracusa um velho mercador a quem haviam nascido dois filhos gêmeos, meninos tão parecidos que a própria ama que lhes dava o seio não distinguia um do outro, nem tampouco a mãe que os dera à luz, segundo me contou quem viu os pequenos. Eu não os vi, não pense isso nenhum de vocês. Contavam os meninos sete anos, quando o pai carregou de mercadoria um navio grande, pôs a bordo um dos garotos gêmeos e levou o consócio a mercar em Tarento, deixando o outro em casa com a mãe. Por acaso, quando chegou a Tarento, celebravam-se jogos ali. Muita gente havia acorrido, como sói acontecer por ocasião de jogos. O menino perdeu-se do pai no meio do povaréu. Estava lá um mercador epidanense, que pegou o menino e o levou para Epidano. O pai, perdido o menino, entregou-se ao desespero e desse mal se acabou poucos dias depois em Taranto. Quando chegou aos ouvidos do avô dos garotos em Siracusa a notícia que um deles fora roubado e o pai

morrera em Tarento, ele mudou o nome do outro gêmeo. Queria tanto àquele roubado, que deu ao que ficara em caso o nome de Menecmo, o mesmo do outro. O avô também tem esse mesmo nome. Se o guardei na memória com mais facilidade, foi por ter visto o povo chamando por ele aos brados. É para vocês não se atrapalharem que os previno desde já: os dois gêmeos têm o mesmo nome.

Agora tenho de passar a Epidano, para lhes poder contar a estória direitinho. Se algum de vocês tiver em Epidano alguma incumbência que me queira dar, pode falar e dar suas ordens sem receio, contanto que me dê com que possa desempenhar o encargo. Se não me der dinheiro, o negócio vai por água abaixo; se der, vai mais abaixo ainda.

Volto, porém, ao ponto donde me desviei e dali não mais arredo pé. O tal epidanense de quem estou falando, o que roubou um daqueles gêmeos, não tinha filhos, além da fortuna. Adotou como seu o garoto roubado e casou-o com uma mulher rica; quando veio a morrer, nomeou-o seu herdeiro. Com efeito, ia ele para a fazenda, depois de um grande temporal, quando entrou num rio rápido, não muito longe da cidade; a correnteza fez o raptor do menino perder o pé, arrastando-o para os quintos. Assim, foi ter às mãos deste uma fortuna imensa.

O gêmeo roubado continua morando naquela cidade. Agora, aquele que reside em Siracusa chegou hoje a Epidano com um escravo, a procura do irmão. A cidade de Epidano é aqui, enquanto durar esta peça. Quando se representar outra, outra cidade será. O pessoal também

Utaírio L. Delameza

costuma mudar assim; um ator hoje é um rufião, amanhã um manco, depois um velho, um pobre, um mendigo, um rei, um parasita, um adivinho...

## 1º ATO

### Cena 1

*Escovinha, só*

ESC. A rapaziada me pôs o apelido de Escovinha, porque, quando como, limpo a mesa. A meu vez é tolice prender os cativos com cadeias e pôr travas nos pés dos escravos fujões. Quando ao sofrimento de um desgraçado novos sofrimentos se acrescentam, maior gana lhe vem de fugir e de se comportar mal. Eles sempre dão um jeito de se livrar das cadeias; quando não cortam o azeite da trava com uma lima, fazem saltar fora o cravo com uma pedra. É canja. Quem quer guardar bem guardado um sujeito, de maneira que não fuja, deve segurá-lo com comida e bebida; prenda-o pelo bico a uma mesa cheia. Enquanto lhe fornecermos todo dia comida e bebida à vontade, para que se farte, nunca fugirá, palavra! Mesmo com a cabeça a prêmio. Será fácil conservá-lo, ligando-o com tais liames. Ah! Como são viscosos esses liames alimentares! Apertam com tanto mais força quanto mais folgados. Eu, por exemplo, estou vindo aqui a casa de Menecmo, a quem entou penhorado e adjudicado há muito tempo; venho de livre vontade, para ser amarrado. Ele é um tipo que não se limita a dar de comer aos outros; eles os cria e reanima; sua arte médica é insuperável. O moço é assim; comê-lo ele próprio, seus jantares são como banquetes da festa de Ceres, tão

sobrecarregadas são suas mesas, tamanho montes de travessas se acumulam. Quem quer alcançar seja o que for lá em cima, tem de se pôr de pé no leito. Estes últimos dias, contudo, houve uma interrupção na minha assiduidade; estive retido em casa todo o tempo com seres que me são caros; eu não como nem compro se não o que há de mais caro. De mais a mais, os seres caros que eu posso em linha já me vão desertando. Hoje venho visitá-lo. Mas a porta se abre. Eis que avisto Menecmo em pessoa; vem saindo.

### Cena 2

#### O Mesmo e Menecmo

MEN. (para dentro) — Se você não fosse uma criatura ruim, uma idiota, se não fosse rebelde e descontrolada, detestaria aquilo que visse o marido detestar. Doravante, a contar de hoje, se me fizer outro tanto, rua! Eu largo de você e mando-a de volta para casa de seu pai. Toda vez que desejo sair, você me segura, me chama de volta, indaga aonde vou, o que vou fazer, que negócios tenho, o que procuro, o que levo o que fiz lá fora. Eu me casei com um guarda aduaneiro, a quem devo dar relatório de quanto fiz ou faço. Eu mimei você demais. Outra coisa vou proceder doravante. Uma vez que a provejo bem de criadas, de dinheiro, de lãs, de jóias, de roupas de púrpuras, e nada lhe falta, se você, em juízo, vai evitar o castigo e deixar de espionar o marido. Ou, assim, para não ficar perdido o trabalho de espionar-me, vou recompensar o seu zelo; vou arranjar hoje uma rapariga e convidá-la a jantar fora em algum lugar.

ESC. (à parte) — Ele finge estar passando uma raspança na mulher, mas o negócio, de veras, é comigo; se vai jantar fora, quem ele castiga sou eu, em vez da mulher.

MEN. (à parte) — Ufa! Com esse destampatório, caramba! Conseguí afastar a mulher da porta. (ao público) Que é dos maridos bilhonários? Por que demoram em vir em massa trazer-me presentes e parabéns pela minha valorosa luta? Esta manilha (mostra-a, sob o manto) eu acabo de surripiar lá dentro à minha mulher e vou levá-la a uma rapariga. É assim que se faz; tapear com a puna a carcereira finória. Isso é que é um feito bonito, decente, fino, de mão de mestre. Com dano meu, tomei esta peça àquela danada e agora será levada à minha perdição. Tomei despojos ao inimigo sem um arranhão de meus aliados.

ESC. (por trás) — Eh! moço! Tenho algum quinhão nessa presa?

MEN. (sem se voltar) — Levei a breca! Cai numa emboscada!

ESC. — Qual nada! Você caiu mas é em braços amigos. Nada receie.

MEN. — Quem é você?

ESC. — Sou eu.

MEN. (voltando-se) — Oh! Minha Providência! Minha Hora Oportuna! Salve!

ESC. — Salve.

MEN. — Que é que você anda fazendo? (estende-lhe a mão).

ESC. — Estou segurando pela destra o meu gênio tutelar.

MEN. — Não me podia chegar em momento mais oportuno que este.

ESC. — É do meu feitio; conheço os folhos e refolhos da Oportunidade.

MEN. — Quer ver um trabalho supimpa?

ESC. — Cozinhado por quem? Basta-me ver os restos e já aponto os eventuais deslizes.

MEN. — Diga-me: você já viu alguma vez pintada na alguma parede uma águia arrebatando Ganimedes ou Vênus carregando Afrodite?

ESC. — Quantas vezes! Mas que tenho eu com essas pinturas?

MEN. — Vamos, olhe para mim. (Abre o manto, mostrando a mantilha) Tenho alguma coisa de parecido?

ESC. — Que traje é esse?

MEN. — Diga que sou o mais elegante dos homens.

ESC. — Onde vamos comer?

MEN. — Diga apenas o que pergunto.

ESC. — Pois não. (sem convicção) Oba! que elegância!

MEN. — Não arrisca mais nada, de lavra própria?

ESC. (no mesmo tom) — E que bizzaria!

MEN. — Adiante.

ESC. — Não continuo, ora bolas! Só se souber a troco do quê. Você está brigado com a mulher; tanto maior razão para que eu me previna.

MEN. — Sei dum lugar onde nos podemos divertir à larga, sem a mulher saber, e cremar o cadáver deste dia...

ESC. (alegre) — Oba! Isso é que é falar! Quando é que devo acender o fogo? Este dia já está meio morto, morto até o umbigo.

MEN. — Você, com suas interrupções, está atrasando a si mesmo.

ESC. — Arranque-me os olhos das órbitas, Menecmo, se eu disser mais uma palavra sem ordem sua

MEN. — Afaste-se dessa porta para cá.

ESC. — Pois não. (afasta-se da porta de Menecmo)

MEN. — Mais para cá.

ESC. — Pronto.

MEN. — Venha mais para longe do covil da leoa, coragem!

ESC. — Com a breca! A meu ver, daria nas corridas um cozeiro e tanto.

MEN. — Como assim?

ESC. — Você volta e meza o lha para trás, de medo que a mulher o siga.

MEN. — O que me diz você?

ESC. — Eu? Ora, digo ou deixo de dizer o que você quiser.

MEN. — Você, cheirando alguma coisa, poderia dizer, pelo cheiro, de quem...

ESC. — ... consultado o colégio dos águeres.

MEN. — Então, vamos cheirar esta mantilha, que estou segurando. Que cheiro tem? Você refuga?

ESC. — Roupa de mulher; a gente só cheira a parte de cima. Duma outra, o nariz fica contaminado de um odor que não se lava nunca.

MEN. — Então, cheire dum outro lado. Escovinha. Como você lança bem o grã-fino!

ESC. — Vai bem comigo.

MEN. — E então? Que cheiro tem? Responda.

ESC. — Cheiro de furto, de rapariga, de jantar.

MEN. — Ora vá para o Adão-vinhão! Roubei-a de minha mulher, agora vou levá-la aqui à minha amiga, a mundana Erócia, e a vou mandar preparar um jantar para mim, para você e para ela.

ESC. — Belo!

MEN. — Depois, até surgir a Estrela d'Alva de amanhã, poderemos...

ESC. — Belo! Você já falou como se quer. Posso bater à porta?

MEN. — Bata. Ou, espere um pouco.

ESC. — Você atrasou o garrafão de um quilômetro.

MEN. — Bata de leve.

ESC. — Você parece temer que a porta seja de porcelana.

MEN. — Espere, espere, caramba! Ei-la que sai em pessoa. Oh! Você viu o sol como escureceu em comparação com a alvura desse corpo?

### Cena 3

#### Os Mesmos e Erócia

ERÓ. (entrando) — Menecmo, meu coração, salve!

ESC. — E eu?

ERÓ. — Você, para mim, não entra na conta.

ESC. — É como costumam tratar os extranumerários, no exército.

MEN. — Quero que se prepare hoje aí em sua casa uma batalha para mim.

ERÓ. — Será feita hoje.

MEN. — Nessa batalha nós dois beberemos. Aquele que se revelar o melhor combatente, no garrafão, esse e tropa sua; você vai ser o juiz de quem será o seu companheiro esta noite. Muitas delícias, quando vejo você, que ódio sinto de minha mulher!

ERÓ. — Mesmo assim, não pode passar sem usar alguma peça da roupa dela. Quem vem a ser isso?

MEN. — Isso, minha rosa, é vestimenta para você e *despimenta* para minha mulher.

ERÓ. — Quão facilmente você supera os demais *requêstadores* na minha preferência!

ESC. — Basta uma rascoa ver o que possa *bispar* e já fica toda *derretida*! Ora, se você o amasse, já lhe devia ter arrancado o nariz com uma dentada.

MEN. (*despe o manto*) — Segure isto, Escovinha; quero despir os despojos que consagrei.

ESC. — Dê cá. Mas, raios! com essa mantilha às costas... Dance um pouquinho para mim, sim?

MEN. — Eu dançar? Irra! Você está é maluco.

ESC. — Maluco eu? Ou antes você? Se não vai dançar, *dispa-a*.

MEN. — Corri hoje um grande perigo para *surripiá-la*. Na minha opinião, Hércules outrora não correu perigo tamanho quando tirou o cinturão a Hipólita. (*dando a mantilha a Erócia*) Tome-a para você, uma vez que você é a única que vive para me dar gosto.

ERÓ. — Assim é que devem pensar os amantes sinceros.

ESC. (*devolvendo o manto*) — Pelo menos, os ansiosos por se precipitar na indigência.

MEN. (*vestindo o manto*) — Eu a comprei para minha mulher por quatro minas o ano passado.

ESC. (*à parte*) — Feitas as contas, quatro minas jogadas fora.

MEN. — Sabe o que eu quero que você providencie?

ERÓ. — Sim? Providenciarei o que você quiser.

MEN. — Então, mande aprontar em sua casa um jantar para nós três

e comprar no mercado algumas iguarias: uma *arraigada* de porco, uma *presuntada*, meia cabeça de porco ou coisa assim, *accepipes* que, servidos à mesa bem *tenrinhos*, me dêem um apetite de gavião. E depressa!

ERÓ. — Pois não, *caramba*!

MEN. — Nós vamos ao *foro* e logo estaremos de *volta*. Enquanto cozinham, iremos bebendo.

ERÓ. — Venha quando quiser, que tudo estará pronto.

MEN. — Mas apresse-se. (*Esc.*) Venha comigo.

ESC. — Palavra de honra! Eu seguirei você sem o perder de vista; hoje eu não o largaria nem pelas fortunas dos deuses. (*sai com Menecmo*)

ERÓ. (*para dentro*) — Mandem cá fora Cilindro, o cozinheiro, depressa!

#### Cena 4

##### Erócia e Cilindro

ERÓ. (*a Cil., que entra*) — Pegue uma cesta e dinheiro; olhe, aqui estão três *patacas*. (*entrega dinheiro a Cil.*)

CIL. — Aqui as tenho.

ERÓ. — Vá comprar *gêneros*. O bastante para três pessoas. Que não falte nem sobre.

CIL. — Que espécie de *fregueses* são?

ERÓ. — Eu, mais Menecmo e seu *parasita*.

CIL. — Isso faz dez pessoas; o parasita cumpre sem esforço a obrigação de oito.

ERÓ. — Já lhe disse quais os convidados; cuide do resto.

CIL. (*saindo*) — Pois não. Já está pronto; chame-os para a mesa.

ERÓ. — Volte logo.

CIL. — Num instante estarei de volta. (*sai*)

#### 2º ATO

##### Cena I

##### Sósicles e Messenião

SÓS. (*entra; segue-no Messenião e marujos carregando malas*) — A meu ver, Messenião, o maior prazer de quem navega é do alto-mar avistar a terra ao longe.

MES. — Para dizer a verdade, é ainda maior, se a terra avistada em chegando é a sua. Mas, afinal, para que viemos agora a Epidano? Estaremos, à semelhança do mar, dando a volta a todas as ilhas?

SÓS. — Vimos à procura de meu irmão gêmeo.

MES. — Ora, quando terá fim essa procura? Não fazemos outra coisa há mais de cinco anos. Já percorremos a Hítria, a Espanha, Marselha, a Ilíria, todo o Adriático, a Grécia exterior, toda a costa da Itália banhada pelo mar. Se o senhor estivesse procurando uma aquilha, há muito, penso, a teria achado, desde que fosse visível. Andamos entre os vivos procurando um morto; se vivo estivesse, de longa data o teríamos encontrado.

SÓS. — Então, procuro quem me dê certeza disso, quem diga saber que ele está morto; depois disso, não me entregarei mais ao trabalho de procurá-lo. Mas, sem isso, jamais na vida desistirei das buscas. Eu é que sei quanto ele me é caro ao coração.

MES. — O senhor está procurando chifre em cabeça de égua. Por

que não voltamos daqui para casa? Não pretendemos escrever a História Universal. Pretendemos?

SÓS. — Você faça o que mando, coma o que lhe dou se não quer apanhar. Não me apoquente; isto será feito à minha maneira e não à sua.

MES. — Hum! Isso é para me lembrar que sou escravo; não se poderia dizer mais com tão poucas palavras. Contudo, não posso ter mão em mim que não fale. O senhor está ouvindo, Sr. Menecmo? Quando examino a bolsa, nossos recursos estão na estação da seca, palavra de honra! Se o senhor não voltar para casa, caramba! o dinheiro se acaba e, em vez de achar um gêmeo, penso que vai achar uns gemidos. Ora, sabe qual o feitiço do povo daqui? Em Epidano vivem os maiores sensuais e bebedeiras do mundo; depois, moram nesta cidade incontáveis intrigantes e bajuladores; quanto a mundanas, não há sobre a terra outras mais cativantes. Sabe por que chamam a esta cidade Epidano? Porque daqui quase ninguém volta sem dano.

SÓS. — Tomarei eu as precauções. Passe a bolsa para cá.

MES. — Para que a quer o senhor?

SÓS. — Depois do que me cause dano em Epidano. Você é um grande apaixonado por mulheres. Messaíão, e eu sou um homem irascível, de gênio explosivo, ficando com o dinheiro em minhas mãos, acautelo-me de dois perigos: do seu erro e da minha cólera.

MES. (*entregando a bolsa*) — Tome-a e guarde-a; para mim será um prazer.

## Cena 2

### Os Mesmos e Cilindro

CIL. (*entra com uma cesta*) — Fiz boas compras, a meu inteiro gosto; vou servir aos convivas um bom jantar. Mas aí vejo Menecmo. Pobre de meu lombo! Os convidados estão passeando diante da casa, já antes de eu voltar das compras. Vou falar com ele. Salve, Sr. Menecmo.

SÓS. — Os deuses o guardem, seja você quem for.

CIL. — Que quer dizer com isso? Não sabe quem sou eu?

SÓS. — Palavra, que não.

CIL. — Os demais convidados onde estão?

SÓS. — De que convidados você indaga?

CIL. — Do seu parasita.

SÓS. — Parasita meu? Esse homem está maluco.

MES. — Eu não disse ao senhor que aqui havia vigaristas à beça?

SÓS. — Que parasita meu você está procurando, moço?

CIL. — Escovinha.

SÓS. — Ah! trago uma aqui na maleta, sã e salva.

CIL. — Sr. Menecmo, o senhor chega cedo para o jantar; estou voltando do mercado agora.

SÓS. (*impaciente*) — Responda-me, moço: a como vendem aqui leitõesinhos sem mácula para sacrifício?

CIL. — A uma pataca.

SÓS. — Tome aqui uma pataca; faça-se benzer por minha conta; estou seguro de que você perdeu o juízo; seja você quem for, está molestando uma pessoa estranha.

CIL. (*sem aceitar a moeda*) — Eu sou Cilindro; o senhor não se lembra de meu nome?

SÓS. — Cilindro ou Dodecaedro, vá para o raio que o parta! Não o conheço nem quero conhecer.

CIL. (*após momentos de pasmo*) — O senhor se chama Menecmo?

SÓS. — Sim, tanto quanto sei. Quando você me chama pelo nome, fale como gente de senso. Mas de onde me conhece?

CIL. — De onde conheço o senhor? se o senhor é amante de minha ama, D. Erócia!

SÓS. — Ora essa! Isso eu não sou, nem sei quem você é.

CIL. — Como não sabe quem sou eu, se tantas vezes encho o seu copo, quando bebe em nossa casa?

Mrs. (*à parte*) — Que azar o meu, não sei aqui com que rachar a cabeça desta besta!

SÓS. — Você encher o meu copo? se vejo Epidano pela primeira vez hoje e nunca antes vim aqui?

CIL. — O senhor o nega?

SÓS. — De pés juntos.

CIL. — O senhor não mora aí nessa casa?

SÓS. — Que um raio parta quem mora aí.

CIL. (*à parte*) — O homem está louco; se não, não rogava pragas sobre si mesmo. (*alto*) Ouça, Sr. Menecmo.

SÓS. — O quê?

CIL. — Se quer um conselho, com aquela pataca que me queria dar há pouco, visto como, palavra de honra, Sr. Menecmo! o senhor está indubitavelmente maluco, a ponto de rogar pragas sobre si mesmo, é melhor que mande comprar para si o leitãozinho se pensar bem.

SÓS. — Não essa! Que sujeito amolante e detestável!

CIL. (a Mes.) — Ele costuma fazer dessas brincadeiras comigo. É um grande pândego, na ausência da mulher. (a Sós.) O que acha o senhor? O que me diz? Estas compras parecem-lhe suficientes para três, ou devo comprar mais para o senhor, o parasita e a mulher?

SÓS. — Que mulher? Que parasitas? De quem você está falando?

MES. — Que raio lhe deu na cabeça para se pôr a molestar esse homem?

CIL. — Que é que você tem com isso? Não o conheço; estou falando com este senhor, meu conhecido.

MES. — Bolas! Você está maluco, tenho certeza.

CIL. — Eu vou tratar já de aprontar isto; não vai demorar. Por isso, não se afaste muito de casa. Com licença...

SÓS. — Pode ir... para os quintos dos infernos.

CIL. — Oh! sugiro que vá o senhor... sentar à mesa, enquanto eu exponho estes viveres à violência de Vulcano. Vou entrar e dizer a D. Erócia que o senhor está aqui; para que ela o faça entrar em vez de ficar à porta. (sai)

SÓS. — Ele já se foi? Palavra, estou verificando que não era estória o que você dizia!

MES. — Vá só observando. Ai deve morar uma marafona, pelo que disse aquele maluco que acaba de ir embora.

SÓS. — Em todo caso, é esquisito conhecer ele o meu nome.

MES. — Ora, não é nada esquisito. É o costume das mulheres da vida. Mandam ao porto seus escri-

vinhos e escravinhas. Quando aperta algum navio do exterior, indagam de onde é, como se chama o dono; depois se põem sem tardança a campo, grudam nele e, se conseguem seduzi-lo, só o largam arruinado. Ora, (apontando a casa de Erócia) aí nesse porto está fundeado um navio pirata, do qual penso que nos devemos guardar.

SÓS. — Sim, caramba! É um bom conselho.

MES. — Só saberei se o meu conselho foi bom, se o senhor se precaver bem.

SÓS. — Cale-se um pouco. A porta rangeu. Vejamos quem sai.

MES. — Enquanto isso, vou descansar esta mala. (aos marujos) Vigiem-se, por favor, vocês, remadores, que são os pés do navio.

### Cena 3

#### Os Mesmos e Erócia

ERÓ. (vindo de casa, diz para dentro) — Deixe a porta assim e vá embora; não a quero fechada. Prepare as coisas lá dentro, cuide de tudo, providencie; faça-se o que é preciso; estendam os leitos; queimem os aromas. O asseio é a isca dos apaixonados. Um ambiente agradável arruina os amantes e a nós enriquece. (à parte) Mas onde está o homem que o cozinheiro disse estava à porta? Ah! aí vejo quem me é tão útil e proveitoso. Outrossim, de minha parte, eu retribuo, como merece, pois é ele o freguês predileto de minha casa. Agora, vou-me aproximar e falar com ele (alto) Benzinho, estáou estranhando que você permaneça aqui fora, quando para você a minha porta está mais aberta que a de sua própria casa.

quando esta casa é sua! Tudo está preparado como mandou e queria, e lá dentro não precisará esperar nada. O jantar foi aí providenciado como você mandou; pode ir para a mesa quando quiser.

SÓS. (a Mes.) — Com quem fala essa mulher?

ERÓ. — Ora, com você.

SÓS. — E que temos ou jamais tivemos, que ver um com o outro?

ERÓ. — É que, palavra! Quis Vênus que eu quisesse bem só a você no mundo e você bem o merece. Porque, eu lhe juro, só você com sua munificência me traz prosperidade.

SÓS. — Sem dúvida, Messenião, essa mulher ou está maluca ou está bêbada, para tratar com tamanha intimidade um homem estranho.

MES. — Eu não disse que era assim? Por enquanto são folhas que caem, comparando com o que será quando fizer três dias que estamos aqui; então desabarão árvores sobre o senhor. Com efeito, as rameiras daqui são assim; são a sedução de nosso dinheiro, todas elas. Mas deixe-me falar um pouco com ela. Eh! mulher! Falo com a senhora.

ERÓ. — O que é?

MES. — Onde a senhora conheceu esse homem?

ERÓ. — Na mesma cidade onde ele me conhece há muito; em Epidano.

MES. — Em Epidano? Mas se ele jamais pusera o pé nesta cidade até hoje!

ERÓ. — Ora, você está brincando. Menecmo, meu bem, por que não faz o favor de entrar? Dentro, você estará melhor.

SÓS. (a Mes.) — Caramba! Não é que essa mulher me está chamando

pelo nome, sem errar? Esse negócio me está deixando pasmado.

MES. — Bem, ela sentiu o cheiro da bolsa que o senhor traz.

SÓS. — Palavra! você faz bem de me avisar. *(dá-lhe a bolsa)* Segure isto; vou já saber a quem ela quer mais se a mim, se à bolsa.

ERÓ. — Entremos para jantar.

SÓS. — Agradeço o convite; é muita amabilidade.

ERÓ. — Então, por que você me mandou há pouco preparar um jantar?

SÓS. — Eu mandei preparar um jantar?

ERÓ. — Naturalmente, para você e seu parasita.

SÓS. — Bolas! para qual parasita? *(a Mes.)* Essa mulher com certeza está maluca.

ERÓ. — Para Escovinha.

SÓS. — Que escovinha? A de limpar sapatos?

ERÓ. — Ora, o homem que há pouco o acompanhava, quando você me trouxe a mantilha surripiada à sua mulher.

SÓS. — O quê? Eu lhe dei uma mantilha surripiada à minha mulher? Você está em juízo perfeito? Essa mulher, não há que ver, sonha de pé, como as cavalgadas.

ERÓ. — Que graça tem trocar comigo e negar o que se passou?

SÓS. — Diga-me; que foi que eu fiz e estou negando?

ERÓ. — Ter-me dado a mantilha de sua mulher.

SÓS. — Torno a negá-lo. Ora, mulher eu nunca tive nem tenho, nem jamais, desde que nasci, pus os pés adentro dessa porta. Eu almocei a bordo; vim do navio para cá e a encontrei.

ERÓ. — Ess'agora! Pobre de mim! De que navio está você falando?

SÓS. — Um de madeira, muitas vezes lixada, muitas vezes pregada, muitas vezes martelada. Parece até oficina de peleiro; tem um pau ao lado do outro.

ERÓ. — Vamos lá, deixe de gracejos e venha aqui comigo.

SÓS. — Mulher, não é a mim que procura, mas qualquer outra pessoa.

ERÓ. — Então, eu não o conheço como Menecmo, filho de Mosco, nascido, segundo consta, em Siracusa, na Sicília, onde reinou um dia Agátocles, depois Pintias e em terceiro lugar Liparão, que, ao morrer, deixou o trono a Hierão. Hierão que reina atualmente?

SÓS. — O que você diz é verdade, mulher.

MES. *(baixo, a Sós.)* — Barbaridade! Será que essa mulher andou por lá, para conhecer o senhor tão bem?

SÓS. *(baixo, a Mes.)* — Palavra, que não vejo como continuar a dizer-lhe não!

MES. *(como acima)* — O senhor não, faça isso! Se passar essa soleira, estará perdido.

SÓS. *(como acima)* — Ora, cale-se. Tudo vai bem. Concordarei com tudo que a mulher disser e assim talvez ganhe a hospitalidade. *(alto)* Mulher, eu, há pouco, a contradizia de propósito. Temia que esse homem fosse contar a minha mulher a estória da mantilha e do jantar. Agora, quando você quiser, entremos.

ERÓ. — Não vai esperar o parasita?

SÓS. — Não o espero; não lhe dou mais valor que a um figo pode, nem quero que o deixem entrar, se vier.

ERÓ. — Isso farei com prazer, palavra! Mas sabe você o que agradecerá que me fizesse?

SÓS. — Seus desejos são ordens.

ERÓ. — Quero que você leve ao passamaneiro a mantilha que me deu, para consertar e fazer uns dourados que desejo.

SÓS. — Palavra! você tem toda a razão; não será reconhecida, se for vista na rua; assim, minha mulher não saberá que está com você.

ERÓ. — Então, logo mais, quando você se for, leve-a consigo.

SÓS. — Com todo o prazer.

ERÓ. — Entremos. *(sai)*

SÓS. — Já vou. Quero ainda falar com esse homem. Eh!

MES. — Do que se trata? O senhor precisa de mir?

SÓS. — Preciso. Sei o que vai dizer.

MES. — Tanto pior.

SÓS. — Apanhei uma boa presa. Dei começo a um empreendimento colossal. Vá quanto mais longe puder; leve esses homens sem demora a uma estalagem. Trate de vir ao meu encontro antes do pôr do sol.

MES. — Meu amo, o senhor não conhece essas cróias!

SÓS. — Cale-se, repito. Se eu fizer alguma asneira, quem sofre sou eu, não você. Essa mulher é tola e néscia. Segundo acabo de ver, tenho aqui uma presa rica. *(sai)*

MES. *(à parte)* — Ai de mim! Já se vai! Está perdido duma vez; um navio pirata vai reboçando nossa chalupa para o seu fim. Mas, idiota sou eu, que pretendo governar o meu amo. Ele me comprou para que ouça as suas ordens e não para ditar-lhe as minhas. *(alto)* Vocês

acompanham-me; quero estar de visita  
tanta tempo, como me foi mandado.  
(saem)

### 3º ATO

#### Cena 1

Escovinha, só

Esc. — Nasci há mais de trinta  
anos e em todo esse tempo nunca  
fiz asneira pior nem mais desastrosa  
da que hoje, quando, para meu mal,  
me meti no meio daquele comício.  
Enquanto eu ali bocejava, Menecmo  
se desvencilhou de mim; parece que  
foi a casa da amiga e não me quis  
levar. Que os deuses todos danem  
quem primeiro se lembrou de fazer  
comícios, dando trabalho a gente  
ocupada. Não ficaria melhor escolher  
para isso pessoas ociosas e, se  
não atendessem à convocação, confiscar-lhes os bens imediatamente.  
Há pessoas demais que comem só  
uma vez por dia, não têm nada que  
fazer e não são convidadas, nem  
convidam ninguém para jantar.  
Essas é que deviam ocupar-se de as-  
sembléias e comícios. Se fosse  
assim, hoje eu não teria perdido o  
jantar que — (sarcástico) esto-  
disso tão certo como de estar vivo  
— ele me queria oferecer. Vou lá.  
A esperança das sobras ainda alenta  
meu coração. Mas o que vejo? Me-  
necmo está saindo, de coroa na ca-  
beça! A mesa já foi retirada, ora  
bolas! chego a seu encontro mes-  
mo em cima da hora. Vou observar  
o que ele faz; depois irei falar com  
ele. (põe-se a um canto)

#### Cena 2

O Mesmo e Sóicles

Sós. (vindo de casa de Erócia,  
diz para dentro) — Você pode ficar

sussegada. Eu a trarei ainda inte-  
consertada como se quer e muito  
bem. Farei até você dizer que não é  
a mesma, tão irreconhecível vai  
ficar.

Esc. (à parte) — Ele vai levar a  
mantilha ao passamanheiro, termina-  
do o jantar, bebido todo o vinho e  
deixado à porta o parasita. Palavra  
de honra, que não sou quem sou se  
não tomar disto uma desforra mag-  
nífica. Olhem só a peça que lhe vou  
preparar.

Sós. (à parte) — Deuses imen-  
tais! A quem no mundo, que menos  
esperasse, destes mais, alguma vez  
num só dia? Jantei, bebi, desfrutei  
a rapariga e sai com esta mantilha,  
cujá dona nunca mais a verá.

Esc. (à parte) — Aqui do escor-  
deujo não posso escutar o que se  
diz. Agora, de barriga cheia, estará  
falando de mim e de meu quinhão.

Sós. (à parte) — Ela dizia que eu  
a tinha surripiado à minha mulher  
e dado a ela. Quando percebi que  
labrava em erro, passei logo a cor-  
cordear, fingindo que tinha alguma  
coisa que ver com ela: tudo quanto  
ela dizia, eu confirmava. Para que  
tantas palavras? Nunca paguei um  
pouce para passar tão bem.

Esc. (à parte) — Vou ter com  
ele. Estou seco por uma encrenca.

Sós. (à parte) — Quem será esse  
que vem em minha direção?

Esc. — Que explicação me dá  
você, sujeito mais leve que uma pena,  
o mais baixo dos calhordas, ver-  
gonha da humanidade, seu traído-  
orô não? Que mal lhe fiz eu para  
que me arruinasse? Então, é assim  
que se planta um homem no fogo?  
Você fez o enterro do jantar sem  
mim? Como se atreveu a tanto, se  
eu tinha um quinhão igual ao seu?

Sós. — Moço, por favor, que  
tenha eu que ver com você, para me  
vir aqui insultar, sem mais nem me-  
nos, se nem me conhece? Está que-  
rendo uns maus bocados em paga-  
de seus desaforos?

Esc. — Ora bolas! Maus bocados  
já me fez passar, pelo que vejo.

Sós. — Diga-me uma coisa, mo-  
ço: como se chama?

Esc. — Ainda por zombaria finge  
ignorar o meu nome?

Sós. — Palavra! Que me lembre,  
nunca o vi mais gordo em minha  
vida. Mas, quem quer que seja, o  
certo é que, se tem juízo, cuidará de  
não me aporriinhar.

Esc. — Menecmo, acorde.

Sós. — Estou acordado, ao que  
sei, ora sebo!

Esc. — Não me reconhece?

Sós. — Se reconhecesse, não o  
negaria.

Esc. — Não reconheço o seu pa-  
rasita!

Sós. — Moço, pelo que estou en-  
tendendo, você não anda bom da  
cabeça.

Esc. — Diga-me uma coisa: você  
não surripiou hoje essa mantilha a  
sua mulher, para dá-la a Erócia?

Sós. — Ora, eu não tenho mu-  
lher, nem dei esta mantilha a Erócia,  
nem a surripiei a ninguém. Você por  
acaso não está malucó?

Esc. — Adeus, minhas encomen-  
das! Então, eu não vi você sair de  
casa e voltar nessa mantilha?

Sós. — Vá para os quintos! Pen-  
sa que toda gente é pederasta só  
porque você é? Então, eu vestia esta  
mantilha?

Esc. — Naturalmente, ué!

SÓS. — Ora, vá para... onde merece. Ou então, vá-se benzer, seu doido varrido!

ESC. — Ah! Você pode-me suplicar quanto quiser, que eu não deixarei de contar à sua mulher tintim por tintim tudo que se passou. Todos os seus insultos recairão sobre sua cabeça. Farei que não tenha comido o jantar impunemente. (sai)

SÓS. — Que diabo está acontecendo? Terá mesmo de se divertir a minha custa toda gente que vejo? Mas a porta rangeu.

### Cena 3

#### Sósicles e Serva

SERVA (vindo de casa de Erócia) — Senhor Menecmo. D. Erócia mandou dizer que agradeceria muito, se, aproveitando a ocasião, o senhor levasse também este bracelete ao ourives e mandasse aumentar aí uma onça de ouro e deixá-lo novo. (entrega-lhe a jóia)

SÓS. — Sim; diga-lhe que providenciarei isso e tudo mais que ela quiser providenciado, seja o que for.

SER. — Não sabe que bracelete é?

SÓS. — Só sei que é de ouro.

SER. — É aquele que o senhor uma vez disse ter surripiado à sua mulher, tirando-o do armário às escondidas.

SÓS. — Juro que nunca fiz semelhante coisa!

SER. — Não se lembra, não? Então, já que esqueceu, devolva-me o bracelete.

SÓS. — Espere. Lembro-me, sim, como não? É o que dei a ela!

SER. — E.

SÓS. — E onde estão as pulseiras que dei juntamente?

SER. — Pulseiras o senhor nunca deu.

SÓS. — Ora, dei, sim, junto com isto.

SER. — Digo que o senhor vai providenciar?

SÓS. — Diga; será providenciado. Farei que a mantilha e o bracelete sejam devolvidos juntos.

SER. — Caro Sr. Menecmo, por favor, dê-me umas arrecadas, sim? Mandé fazer uns penicuralhos de duas patacas, para que eu tenha prazer em vê-lo quando o senhor vem a nossa casa.

SÓS. — Pois não; forneça-me o ouro, que eu pago o serviço.

SER. — Dê tudo de seu bolso, por favor; eu o reembolso depois.

SÓS. — Isso não; dê-o você, que eu lhe devolverei o dobro.

SER. — Mas eu não tenho.

SÓS. — Então, dê quando tiver.

SER. — Posso ir? (sai)

SÓS. — Diga que vou cuidar destas coisas... (à parte) para obter quanto antes o quanto valem. Ela já entrou? Já se foi; fechou a porta. É de ver que os deuses todos me ajudam, me acrescentam e me amam. Mas por que me demoro nestes antros de perdição, quando me é dada ocasião e tempo de me afastar? Apressa-te, Menecmo; põe-te em marcha, acerta o passo! É bom tirar esta coroa e jogá-la para a banda esquerda; assim, se me seguirem, pensarão que tomei esse rumo. Vou-me encontrar com o meu escravo, se puder, para que ele saiba por mim destes favores que os deuses me dispensam. (sai pela D.)

17 ATO

### Cena 1

#### Matrona e Escovinha

MAT. (entrando, com Esc.) — Então, hei de aturar semelhante esbulho em meus direitos conjugais, quando meu marido, a ocultas, passa a mão em tudo que tenho em casa, para levar à sua amante?

ESC. — Caluda, sim? Eu farei a senhora apanhá-lo em flagrante, logo logo. Venha só comigo. Ele estava bêbado e coroadado; levava ao passamaneiro a mantilha que lhe furtou hoje em casa. Mas aqui está a coroa que ele trazia. Estou mentindo? Olhe; ele foi por aqui, se a senhora quiser seguir as pegadas. Upa! Ai vem ele voltando; mas não traz a mantilha.

MAT. — E agora? Como devo agir com ele?

ESC. — Como sempre. Trate-o mal; é minha opinião. Afastemo-nos para aqui. Fique de atalaja espriando.

### Cena 2

#### Os Mesmos e Menecmo

MEN. (vindo da E.) — Que costume mais do que imbecil e extremamente insuportável é este nosso! Quanto mais aristocrática é a gente, mais fielmente observa tal usança! Todos querem uma clientela numerosa. Se é boa ou má, ninguém indaga. Indaga-se mais da fortuna dos clientes do que da reputação de sua honradez. Quem é pobre, mas honesto, passa por calhorda; quem, ao contrário, é rico, mas velhaco, é tido como um cliente de bem. Eles

não têm o mínimo respeito às leis e, ao bom direito e causam dissabores aos patronos; negam ter recebido o que lhes foi dado, vivem metidos em processos, são ladrões, são fraudulentos e devem a sua fortuna à usura ou a perjúrios. Só pensam em litígios. Quando os intimam em juízo, intimam igualmente aos patronos, que lá têm de ir defender as maroteiras deles, pois o caso é levado ao júri popular, à pretoria ou ao tribunal. Assim foi que um de meus clientes me trouxe hoje numa rodaviva; não pude fazer nada de que projetava, tanto ele me reteve e deteve. Tive que defendê-lo perante os edis por causa de suas incontáveis patifarias; andei propondo arranjos tortuosos, embrulhados. Eu tinha dito mais ou menos, quanto era preciso para se chegar a um compromisso. E ele? Ofereceu ao menos uma fiança? Nem vi jamais ninguém tão claramente convicto. De cada uma de suas patifarias havia três testemunhas encarniçadas. Que o danem todos os deuses por me haver estragado o dia, e a mim também, por ter ido meter o bedelho no foro exatamente hoje. Estraguei o meu melhor dia. Eu tinha mandado aprontar um jantar; a amiga me esperava; eu estava certo disso. Assim que tive uma brecha, tratei logo de sair do foro. Ela agora estará zangada comigo, penso eu; mas há de acalmá-la a mantilha que lhe dei a que hoje roubei à mulher e levei aí a Erócia.

Esc. (*baixo, a Mat.*) — O que me diz a senhora?

Mat. (*baixo, a Esc.*) — Que me casei com um canalha...

Esc. (*como acima*) — Está saindo bem o que ele está dizendo?

Mat. (*como acima*) — Sim.

MEN. — Pensando bem, vou entrar aqui e passar uns bons momentos.

Esc. — Espere. Maus momentos é o que vai passar.

Mat. — Palavra, que me pagará com juros!

Esc. — Tome essa.

Mat. — Pensava que podia fazer essas maroteiras escondido?

MEN. — Do que se trata, mulher?

Mat. — A mim o pergunta!

MEN. (*afagando-a*) — Queria que o perguntasse a ele?

Mat. — Longe daqui com seus afagos!

Esc. — Firme!

MEN. — Por que está zangada comigo?

Mat. — Você deve saber.

Esc. — Bem que sabe, mas finge de malandro que é.

MEN. — O que há?

Mat. — A mantilha...

MEN. — Mantilha?

Mat. — Sim, alguém a... Mas do que você está com medo?

MEN. — Eu? De nada. (*à parte*) Só uma coisa; a tal mantilha me desmantela.

Esc. — Isso é para você não comer jantares escondido de mim. Adiante! A ele!

MEN. (*baixo a Esc.*) — Ora, cale essa boca!

Esc. — Não calo coisa nenhuma. Ele está acenando para que não fale.

MEN. — Eu? Não senhora. Não fiz gesto nenhum, nem pisquei nada!

Esc. — É o cúmulo do desmarramento! Negar o que a senhora está vendo.

MEN. — Juro, mulher, por Júpiter e por todos os deuses — é suficiente? — que não acenei para ele.

Esc. — Quanto a isso, ela já acredita em você. Volte ao ponto.

MEN. — Que ponto?

Esc. — Bem, à passamanaria. Lave lá a mantilha.

Esc. — Já agora me calo, pois ela esquece os seus próprios interesses.

Mat. — Palavra, que sou uma mulher infeliz!

MEN. — Infeliz por quê? Explique-me. Algum escravo cometeu alguma falta? As servas ou os servos respondem a você? Diga; não ficará sem castigo.

Mat. — Não diga asneiras.

MEN. — Ela está muito zangada. Isso não me agrada muito.

Mat. — Não diga asneiras.

MEN. — Aperto que está furiosa com algum escravo.

Mat. — Não diga asneiras.

MEN. — Pelo menos, não é comigo que você está furiosa.

Mat. — Agora não foi asneira.

MEN. — Mas se eu não fiz nada de errado!

Mat. — Epa! Asneira de novo.

MEN. — Diga, mulher querida; o que afflige você?

Esc. — O bonitão está adúltero a senhora.

MEN. — Você não pode passar sem importunar-me? Quem o chamou aqui? (*volta a afagar Matrona*)

Mat. — Tire a mão de cima de mim!

Esc. — Tome essa. Agora, volte a jantar sem mim, ande; depois.

bêbaço, de coroa na cabeça, faça pouco caso de mim na rua.

MEN. — Mas, palavra eu não jantei, nem pus o pé aí dentro hoje.

ESC. — Você o nega?

MEN. — De pés juntos, hom'essa.

ESC. — Não há ousadia maior que a dele. Então, eu não o vi há pouco parado aqui em frente de casa, com uma coroa de fitas, a dizer que eu não estava bom dos miolos, que não me conhecia e era estrangeiro?

MEN. — Ora! desde que nos separamos há algum tempo, agora é que estou voltando para casa.

ESC. — Eu o conheço. Você pensava que eu não havia de tirar desforra. Eu contei tudo a sua mulher, palavra!

MEN. — Contou o quê?

ESC. — Eu sei lá? Pergunte a ela.

MEN. — O que foi, mulher? O que foi que ele lhe andou dizendo? O que é? Por que se caia? Por que não diz o que é?

MAT. — Como se você não soubesse!

MEN. — Ora, se eu soubesse, não perguntaria.

ESC. — Que sujeito catalha! Como sabe fingir! Não pode esconder nada; ela sabe bem de tudo, que eu lhe relatei, caramba!

MEN. — O que é?

MAT. — Já que você não tem vergonha, nenhuma e não o quer confessar espontaneamente, ouça sem arredar pé. Farei que você saiba por que estou zangada e o que ele me contou. Roubaram-me de casa uma mantilha.

MEN. — Roubaram-nos uma mantilha?

ESC. — A senhora está vendo como o tratante a quer embrulhar? (a MEN.) Foi roubada a dela, não a sua; se tivessem roubado a sua, a dela agora estaria salva.

MEN. — Não se meta onde não é chamado. Você, o que diz?

MAT. — Uma mantilha, repito, desapareceu de casa.

MEN. — Quem a surripiou?

MAT. — Hom'essa! Isso quem a surripiou deve saber.

MEN. — E quem foi?

MAT. — Um certo Menecmo.

MEN. — Mas isso é um crime! Caramba! Quem é esse Menecmo?

MAT. — É você, digo eu.

MEN. — Eu?

MAT. — Você.

MEN. — Quem me acusa?

MAT. — Eu mesma.

ESC. — Eu também. Você a levou a Erócia, essa sua amante.

MEN. — Eu o dei?

MAT. — Você, sim, aí onde está, repito.

ESC. — Quer que traga uma coruja, que lhe fique repetindo *tu, tu, tu*? Olhe que nós já estamos cansados.

MEN. — Juro, mulher, por Júpiter e todos os deuses — é suficiente? — que não a dei.

ESC. — Essa é boa! Nós é que juramos que não mentimos.

MEN. — Dar eu não dei. Foi, por assim dizer, emprestada.

MAT. — Ess'agora! Eu não empresto a sua clâmide ou o seu manto a ninguém de fora. Roupa de mulher só a mulher pode emprestar; a de homem, só o homem. Por que não traz a mantilha de volta para casa?

MEN. — Farei que sua devotada.

MAT. — Será para sua própria bem, acho eu, porque nunca entrarei em casa sem a trazer consigo. Eu vou para dentro.

ESC. — E que ganho eu, que restei à senhora esse serviço?

MAT. — Ele será atribuído quando lhe surripiarem a casa alguma coisa? (sai)

ESC. — Isso, caramba, não vai acontecer nunca; em casa não tenho o que perder. Marido! Mulher! Que os deuses os danem. Vou a presna ao foro. Desta família, por que entrando, estou expulso no erro. (sai)

MEN. (só) — Minha mulher pensa que me castiga fechando-me a porta; como se eu não tivesse lugar mais agradável onde me meter. Se não gosta de mim, tanto faz Erócia aqui há de gostar. Essa não me vai fechar a porta na cara, mas me encerrará consigo lá dentro. Agora me vou; vou pedir de volta a mantilha que lhe dei há pouco. Eu lhe comprarei outra melhor. Olá! Há alguém para atender à porta? Abran e vá alguém chamar Erócia para a frente da casa.

## Cena 2

### Menecmo e Erócia

ERÓ. (à porta) — Quem me está procurando?

MEN. — Alguém mais inimigo do que si próprio do que de você.

ERN. — Menecmo, não bem, mas que está parado na rua? Entre.

MEN. — Espere. Saí por que razão vim a sua casa?

ERÓ. — Sei. É para eu lhe dar momentos de prazer.

MEN. — Não é isso, caramba! Por favor, devolva-me aquela mantilha que lhe dei há pouco. Minha mulher soube de tudo que se passou, tintim por tintim. Eu lhe comprarei outro, do dobro do valor, a que você quiser.

ERÓ. — Ora, eu a entreguei a você há poucos momentos, para que a levasse ao passamanheiro, e bem assim aquele bracelete, para que o levasse ao ourives a reformar.

MEN. — Você me entregou a mantilha e o bracelete? Saiba que isso nunca aconteceu. Se eu, depois que lhe dei há algumas horas, fui ao foro e só agora estou voltando e tornando a vê-la depois disso?!

ERÓ. — Já vi tudo! Você está forjando desculpas para me fraudar do que lhe confiei.

MEN. — Palavra, que não é para fraudá-la que a reclamo. Não estou dizendo que minha mulher descobriu?

ERÓ. — Eu não pedi a você que ma desse; foi você mesmo que a trouxe espontaneamente e ma deu de presente. Agora a reclama. Paciência! Fique com ela; leve-a; use-a você mesmo, ou sua mulher, ou mesmo soquem-na em suas arcas. Mas de hoje em diante não porá mais os pés nesta casa, pode estar certo: Uma vez que me despreza, a despeito dos favores que lhe tenho feito, se não me trouber dinheiro, perderá o tempo, que não me pode ter às suas ordens. Doravante, procure outra a quem ludibriar. (entra e bate a porta)

MEN. — Papagaios! Que fúria! Eh! Espere! quero falar com você.

Volte! Não quer parar? Não se anima a voltar para fazer-me um favor? Entrou. Fechou a porta. Agora estou mais do que nunca no olho da rua. Ninguém acredita em mim, nem em minha casa, nem na da amante. Vou consultar os meus amigos, a ver o que acham que devo fazer. (sai)

5º ATO

Cena 1

Sósicles e Matrona

SÓS. (com a mantilha no braço) — Fiz há pouco uma asneira muito grande, quando entreguei a Messenião a bolsa com o dinheiro. Acho que ele se afundou por aí nalguma baiúca.

MAT. (entrando, à parte) — Vou espiar quando volta para casa o meu marido. Mas eis que o vejo. Estou salva; ele traz a mantilha de volta.

SÓS. (à parte) — Gostaria de saber por onde anda agora Messenião.

MAT. (à parte) — Vou abordá-lo e recebê-lo com as saudações que merece. (alto) Não tem vergonha de aparecer na minha frente com esse traje, ó figura abjeta?

SÓS. — Que há? Que é que a abala, dona?

MAT. — Seu descarado, ainda tem o topete de pronunciar uma palavra, ou de falar comigo?

SÓS. — Mas, afinal, que mal fiz eu para não ousar falar?

MAT. — E ainda pergunta? Que atrevimento e falta de vergonha!

SÓS. — Você não sabe, mulher, por que os gregos diziam que Hécuba era uma cadela?

MAT. — Realmente, não.

SÓS. — Era porque ela fazia o mesmo que você está fazendo; enchia de tudo quanto é desaforo quem quer que ela visse. Por isso, com toda razão, passaram a chamá-la de cadela.

MAT. — Eu não posso tolerar mais essas afrontas. Preferiria passar a vida sem marido a agüentar esses ultrajes que me faz.

SÓS. — A mim, pouco me importa que você suporte a vida de casada ou largue do marido. É costume daqui contar novelas a quem chega do exterior?

MAT. — Que novelas? Doravante, repito, não agüentarei mais; antes viver sozinha do que suportar o seu comportamento.

SÓS. — Por mim, ora bolas! você pode viver sozinha até o fim do reinado de Júpiter.

MAT. — Há pouco você negava ter-me surripiado a mantilha e agora a tem no braço diante de meus olhos: não tem vergonha?

SÓS. — Ufa! Que mulher atrevida e maldosa! Ousa dizer que esta mantilha, lhe foi surripiada, quando outra mulher ma confiou para a mandar consertar?

MAT. — Sim, juro por minha honra! Eu vou já chamar meu pai e contar-lhe as sujeiras de sua conduta. (para dentro) Decião, vá procurar meu pai e não volte sem ele. Diga-lhe que é preciso que venha. (à Sós.) Eu já lhe conto essas suas sujeiras.

SÓS. — Está doida? Que sujeiras?

MAT. — Você rouba de casa à sua mulher e leva à sua amante mi-

pliquei bastante claro?

SÓS. — Hom'essa! Escute, mulher; se você sabe, diga-me o que devo beber para poder suportar até o fim a sua insolência. Não sei quem você imagina que eu seja: eu a conheço há tanto tempo quanto ao sogro de Hércules.

MAT. — Se você ri de mim, palavra! Não poderá rir dele, de meu pai, que vem para cá. Olhe para trás: você o conhece? (*aponta o Velho que entra*)

SÓS. — Sim! Conheci-o ao mesmo tempo que a Teseu; eu já o vi antes, no mesmo dia em que vi você.

MAT. — Você diz que não me conhece? Que não conhece meu pai?

SÓS. — Ora sebo! Dizei o mesmo se quiser trazer o seu avô.

MAT. — Juro por minha alma! É assim mesmo que você costuma fazer!

## Cena 2

### Os Mesmos e Velho

VEL. (*trôpego, gesticulando e resmungando, à entrada*) — Vou estudar o passo e apressar a marcha na medida em que minha idade o consente e as circunstâncias o exigem. Mas não tenho a ilusão de que seja fácil fazê-lo. Falta-me ligeireza; estou acabado de velho, o corpo me pesa e as forças se me foram. Velhice é artigo ruim! Mercadoria ordinária! Quando ela chega traz um mundaréu de males, que se fosse enumerar, levaria longe a conversa. Mas o coração cá no peito está aflito por saber o que acontecerá, para minha filha me mandar chamar assim de repente, sem me informar do que

de certo modo, já sei do que se trata; deve ter surgido alguma ruína com o marido. É o que sucede sempre com aquelas viragos que, fortes de seu dote, pretendem escravizar o marido. Estes também muitas vezes não estão isentos de culpa. Em todo caso, o que a mulher deve suportar tem um limite e, caramba! uma filha jamais manda chamar o pai sem que alguma falta ou injúria dê motivo. Mas, seja o que for, já vou ficar sabendo. Mas eis que a vejo diante da casa e mais o marido; ele está zangado. É isso que eu desconfiava. Vou chamá-la.

MAT. (*à parte*) — Vou ao seu encontro. (*alto*) Muito boa tarde, papai.

VEL. — Boa tarde. Está tudo bem por aqui? Algo errado, para me mandar chamar? Por que você está carrancuda? E ele, por que se mantém marredado de você, de para fechada? Houve alguma gratificação entre vocês dois? Fale; diga um poucas palavras, sem longos aprechos, qual dos dois tem a culpa.

MAT. — Eu, de fato, não cometi nenhuma falta; dessa dúvida eu o livro em primeiro lugar, papai. Mas absolutamente não posso viver aqui, nem suportar mais. Por isso leve-me embora. (*põe-se a chorar*).

VEL. — O que está acontecendo?

MAT. — Estou sendo desprezada, papai!

VEL. — Por quem?

MAT. — Pelo homem a quem o senhor me confiou, o meu marido.

VEL. — Brigados no momento! Quantas vezes lhe recomendei evitar que qualquer dos dois me viesse dar queixa do outro?

isso, papai?

VEL. — A mim o pergunta? Basta querer. Quantas vezes lhe expliquei que deve ser obediente a seu marido e não espionar o que ele faz, aonde vai, no que se ocupa?

MAT. — Mas é que eu amo a rapariga da casa em frente.

VEL. (*à parte*) — E tem bom gosto. (*alto*) E, por causa desta iniciativa que você tomou, imagino que ainda mais há de amá-la.

MAT. — E ele bebe em casa dela.

VEL. — Então, só por atenção a você, há de deixar de beber, ali ou onde mais lhe aprouver? Que petulância é essa, ora bolas?! Você podia, do mesmo passo pretender que ele fosse proibido de aceitar um convite para jantar ou de convidar alguém para sua casa. Você pretende que os maridos virem servos? Da mesma forma, você poderia querer que ele fiasse uma tarefa de lã, que se sentasse entre as escravas, que cardasse a filação.

MAT. — Pai, parece que o chamei para defender, não a mim, mas a meu marido! O senhor está do meu lado, advogando a causa do lado oposto!

VEL. — Se ele cometeu alguma falta, eu lhe farei muito mais acusações do que a você. Uma vez que ele a conserva com bastantes jóias e vestidos, que a provê devidamente de viveres, o melhor, menina, é que você se mostre razoável.

MAT. — Mas ele me furta jóias e mantilhas das arcas de casa, ele me despoja e às escondidas leva meus stavios às raparigas.

VEL. — Se ele faz isso, está procedendo mal; se não o faz, procede mal você, acusando um inocente.

MAT. — Inocente? Pai, ele ainda tem a mantilha e um bracelete que tinha levado para ela. Agora os está trazendo de volta porque eu o descobri.

VEL. — Eu já vou saber dele como foi. Vou ter com ele e falar-lhe. Diga-me, Menecmo, para que eu o saiba: por quê vocês estão brigando? Por que você está zangado? Por que ela se afasta de você, de cara amarrada?

Sós. — Quem quer que o senhor seja, velho, como quer que se chame, eu invoco o testemunho de Júpiter Altíssimo e dos deuses...

VEL. — Sobre o quê? Ou do que entre tudo neste mundo?

Sós. — De como não fiz nenhum mal a essa mulher, que me acusa de ter roubado e levado de casa coisas suas.

MAT. — É um falso juramento!

Sós. — Se eu jamais pus o pé na casa onde ela mora, quero ser o mais desgraçado dos desgraçados.

VEL. — Você está em juízo perfeito, para rogar essa praga ou negar que alguma vez tenha posto pé aí na casa onde mora, seu doido varrido?

Sós. — Acaso, velho, o senhor está dizendo que eu moro nessa casa?

VEL. — Você o nega?

Sós. — De pés juntos.

VEL. — Não senhor; está mentindo, salvo se vocês mudaram esta noite. Venha cá, minha filha. Que me diz você? Vocês mudaram daqui?

MAT. — Para onde e por que motivo, santos deuses!

VEL. — Eu sei lá?

MAT. — Ele está zombando do senhor, não há que ver. Não o percebe?

VEL. — Menecmo, agora basta de brincadeira. Falemos sério.

Sós. — Afinal, que tem o senhor que ver comigo? De onde vem e quem é? Que fiz eu ao senhor ou a essa mulher, que me aporrinha de todas as maneiras?

MAT. — O senhor está vendo como os olhos dele esverdearam? Está vendo como lhe desce uma lividez das têmporas e da frente? Olhe como os olhos dele estão faiscando!

Sós. (*à parte*) — Se eles dizem que estou louco, o que melhor para mim do que fingir de louco e assim afugentá-los? (*espreguiça-se e bocejaja*)

MAT. — Como ele se espreguiça e boceja! Que farei agora, papai?

VEL. — Venha para cá, minha filha, o mais longe possível dele.

Sós. — Evoé! Evoé! Brômio! Em que mato me chamas a caçar? Estou ouvindo, mas não posso afastar-me destas bandas, porque do lado esquerdo me espreita aquela cadela raivosa e, por detrás, aquele bode calvo, que tantas vezes na vida, com seus falsos estemunhos, desgraçou cidadãos inocentes.

VEL. — Ai de você!

Sós. — Pronto! Apolo, de seu oráculo, ordena-me que lhe queime os olhos com velas acesas.

MAT. — Estou perdida, papai; ele ameaça queimar-me os olhos!

VEL. — Filha, escute!

MAT. — Que é? O que vamos fazer?

VEL. — Que tal chamar aqui os escravos? Vou buscar alguns que agarrem esse homem e o amarrem em casa, antes que ele faça mais desatinos.

Sós. (*à parte*) — E agora? Estou numa embrulhada. Se não descubro

alguma saída, essa gente me carrega para sua casa. (*alto*) Tu proíbes que poupe meus punhos em sua cara, caso ela não se arrede de minha vista para os quintos dos infernos? Farei como mandas. Apolo.

VEL. (*a Mat.*) — Fuja para o mais fundo da casa, para que ele não a magoe.

MAT. — Estou fugindo. Por favor, pai, vigie-o, para que não vá daqui para nenhum lugar. Que desditosa sou, de ouvir coisas assim! (*sai*)

Sós. (*à parte*) — Essa eu afastei sem dificuldade. (*alto*) Agora, esse Titono impuríssimo, barbado e trêmulo, que passa por filho de Cicno, tu mandas que lhe despede e os membros, os ossos e as juntas, com aquele bordão que ele tem nas mãos?

VEL. — Se me tocar ou se chegar mais perto, você vai ver!

Sós. — Farei como mandas: vou pegar um machado de dois gumes e escalavrar até os ossos as carnes desse velho, picando-as em pedacinhos.

VEL. — Está tudo muito bem, mas eu tenho de me precaver e cuidar. Com as ameaças que ele faz, temo que me faça algum mal.

Sós. — Quantas ordens me dás, Apolo! Agora mandas que pague uma parelha de cavalos não domados e brávios, suba num carro e esmague esse leão velho, catingudo e desdentado. Já montei no carro (*recorrendo à mimica*); já estou segurando as rédeas: o agulhão já está na mão; vamos, cavalos, faizei ouvir o tropel dos cascos, dobraí a ligeireza de vossos pés numa carreira veloz. (*galopa pela cena*)

VEL. — Você me ameaça com uma parrelha de cavalos?

SÓS. — Pronto, Apolo! De novo me ordenas que atropela e mate o homem que está ali de pé? Mas quem é este que me arranca do carro pelos cabelos? Ele muda as tuas ordens, os decretos de Apolo!

VEL. — Ufa! que doença terrível e cruel! Misericórdia! E que saúde gozava há instantes esse agora louco! Estava bem e de repente uma doença tão grave! Vou buscar um médico quanto antes. (sai)

### Cena 3

Sósicles, só

SÓS. — Já se foram, afinal, de minha presença aqueles que, apesar de são, me forçaram a loucuras. Por que demoro a ir daqui para bordo, enquanto posso fazê-lo a salvo? Peço a vocês todos um favor; se o velho voltar, não lhe digam por qual rua me escapei. (sai)

### Cena 4

Velho, só

VEL. (entrando) — As costas me doem de estar sentado e os olhos de estar olhando, à espera do médico, até ele voltar dos chamados. Como tardou a regressar de suas visitas o antipático! Dizia que tinha encanado uma perna quebrada a Esculápio e um braço a Apolo. Agora fico duvidando se estou trazendo um médico ou um ferreiro. Mas aí vem ele. Estugue esse passo de formiga!

### Cena 5

Velho e Médico

MED. (entrando) — Que doença o senhor disse que ele tem? Conte.

velho. Está possesso, ou enfeitado? Explique-me. Está tomado de letargia, ou de hidropisia?

VEL. — Ora, se eu o fui buscar, foi para o senhor me dizer isso e curá-lo.

MED. — Nada mais fácil. Ele ficará são, prometo-lhe sob palavra.

VEL. — Eu quero que ele seja tratado com extrema solicitude.

MED. — Eu terei com ele solitudes tão extremas, que suspirarei mais de seiscentas vezes por dia.

VEL. — Mas aí vem ele em pessoa. Observemos o que vai fazer. (põem-se ambos a um canto)

### Cena 6

Os Mesmos e Menecmo

MEN. (entrando) — Com a breca! Tive hoje um dia azarento e lazarento. Tudo quanto eu imaginava fazer às ocultas pôs a descoberto o parasita, que me encheu de vergonha e de medo, esse meu Ulisses, que, tantos transtornos causou ao seu soberano. Esse sujeito, se o céu me der vida, vou acabar com a dele. Mas que tolo sou eu, dizendo dele o que é meu, pois é com comida minha e a minha custa que ele foi criado! Eu vou é arrancar-lhe a alma. Já essa vagabunda procedeu como era de esperar, no estilo de sua classe; porque lhe peço a mantilha de volta, para devolvê-la a minha mulher, ela diz que ma entregou. Bravos! Raros! Que vida desgraçada esta minha!

VEL. — O senhor está ouvindo o que ele diz?

MED. — Está-se queixando da vida.

VEL. — Aborde-o, tenha a bondade.

MED. — Boa tarde, Menecmo. Diga-me uma coisa; por que está com o braço nu? Não sabe quanto você agrava o seu estado?

MEN. — Ora, vá-se enforçar!

VEL. — O doutor nota alguma coisa?

MED. — Não havia de notar? Um alqueire de heléboro talvez não baste. Mas diga-me uma coisa, Menecmo.

MEN. — O que quer?

MED. — Responda a esta pergunta; o senhor bebe vinho branco ou tinto?

MEN. — Por que o doutor não vai para os quintos dos infernos?

MED. — É bem um principiozinho de loucura, apre!

MEN. — Por que não me pergunta se costumo comer pão vermelho, roxo ou amarelo? Ou então, galinha sem escamar e peixe sem depenar?

VEL. — Papagaios! O doutor ouviu as palavras de seu delírio? Por que não receita logo uma poção, antes que a fúria se apodere dele?

MED. — Espere um pouco; ainda tenho outras perguntas.

VEL. — Essas conversas é que me matam!

MED. — Diga-me isto: seus olhos costumam ficar duros?

MEN. — Como? Imagina que eu seja um gafanhoto, seu pedaço d'asno?

MED. — Diga-me; alguma vez os seus intestinos dão estalos, que tenha notado?

MEN. — Quando estou de barriga cheia, eles nunca estalam; dão estalos é quando estou com fome.

MED. — Essa resposta, positivamente, nada tem de louca. Dorme

MEN. — Quando as dívidas estão pagas, eu como um sico só. Que Júpiter e todos os deuses o danem, sujeito xerem.

MED. — Agora está começando a andoçar. Ouvu-o? Cuidado com ele!

VEL. — Ora, essas palavras, perdo das que aqui há pouco, são discursos de pastor. Há momentos que chamava a mulher da andela raiosa.

MEN. — Eu disse isso?

VEL. — Quando abalado, quero dizer.

MEN. — Quem? Eu?

VEL. — Sim, você chegou a ameaçar que me derrubaria com as parelhas dum quadriga. Eu vi com os meus olhos você fazer isso; disso eu mesmo o anço.

MEN. — Se assim é, eu sei que o senhor roubou a coroa sagrada de Júpiter e por isso o socaram na cadeia e, depois de solto, sei que lhe meteram umas tangalhas no pescoço e lhe deram uma surra de vara; depois o senhor matou o pai e vendeu a mãe. Revolvi satisfatoriamente para um homem são aos seus desatinos?

VEL. — Doutor, misericórdia! Onde com isso faça o que tem de fazer. Não vê como ele está louco?

MED. — São o melhor que o senhor pode fazer. Mande levá-lo a minha casa.

VEL. — O doutor acha?

MED. — Foi que não? Ali pode-se cuidar de um meu gosto.

VEL. — Faça como lhe apraz.

MED. (a MEN.) — Vou submetê-lo a regime de gelabore por vinte dias.

esfuracá-lo com um agulhão por trinta dias.

MED. (ao Velho) — Ande, vá chamar pessoas que o levem para minha casa.

VEL. (ao Méd.) — Quantas?

MED. (ao Velho) — Pelo grau de loucura em que o vejo, quatro, nada menos.

VEL. (ao Méd.) — Estarão aqui num instante. Vigie-o, doutor.

MED. (ao Velho) — Não. Eu vou para casa preparar o necessário. O senhor mande os servos levá-lo a minha casa.

VEL. (ao Méd.) — Vou providenciar para que logo esteja lá.

MED. — Até já. (sai)

VEL. — Até já. (sai)

MEN. — Foi-se o sogro; foi-se o médico. Estou só. Por Júpiter! Que aconteceu que essa gente me dá por louco? Ora eu, desde que nasci, nunca estive doente um só dia. Não estou louco; não provoço brigas, nem demandas; estou em são juízo e considero os outros em juízo perfeito; reconheço as pessoas, falo com elas. Loucos não estarão aqueles que, sem razão, me declaram louco? Que vou fazer agora? Quero ir para casa, a mulher não deixa; aqui, por outro lado, ninguém me abre a porta. A situação está ruim demais. Não vou sair daqui; pelo menos, ao anoitecer, espero, me deixarão entrar. (recolhe-se a um canto)

Cena 7

Mencemo e Messeniã

MES. (entra, detendo-se ao canto oposto ao de Mencemo) — Sinal de

com servo e devotar-se aos interesses do amo, olhar por ele, por as coisas no lugar, pensar em tudo, de sorte que, na ausência do senhor seus bens sejam preservados diligentemente, como se ele estivesse presente, ou ainda melhor. Se tem a cabeça no lugar, deve pensar antes no lombo do que na goela, antes nas pernas do que no estômago. Não pode esquecer que prêmio dão os amos aos servos sem valor, aos indolentes, aos desonestos. Varadas, peias, moinhos, canseiras enormes, fome, a dureza do frio; esses, os prêmios da indolência; esse, o castigo que mais temo. Por isso, resolvi ser antes bom que mau. Com efeito, muito mais fácil me é suportar as turras e inspiram-me profundo horror as surras. Sinto mais prazer em comer a farinha que os outros moem, do que em moer farinha que os outros comam. Por isso, cumpro as ordens de meu amo; ob servo-as sem erro nem revolta. Isso me traz proveito. Que outros sejam como bem lhes parece; eu serei tal como devo ser. Conservar-me-ei respeitoso, evitando faltas, para estar pronto ao serviço de meu amo em toda ocasião. Os servos temerosos, mesmo quando nenhuma falta cometeram, esses costumam ser úteis a seus amos. Aqueles que nada receiam, esses se apavoram depois de merecerem um castigo. Não terei de temer muito tempo; não está longe o dia em que meu amo me dará a recompensa de meus serviços. Que padrão de bem servir observo eu? Aquele que, a meu ver, melhor protege o meu lombo. Instalei na estalagem a bagagem e os servos, como ele me mandou, e venho ao seu encontro. Agora vou bater à porta para ele saber que estou aqui e tirá-lo são e salvo deste desfiladeiro da perdição.

de, acabada a batalha:

Cena 8

Os Mesmos, Velho e Servos

VEL. (*entrando, com quatro servos*) — Eu conjuro vocês, pelos deuses e pelos homens, a cumprir com zelo e juízo minhas ordens, que repito. Ergam esse homem do chão e carreguem-no sem demora para casa do doutor, se dão algum valor a suas pernas e lombo. Nenhum de vocês dê a mínima importância às ameaças dele. Por que estão parados? Por que hesitam? Já o deviam ter erguido e levado. Eu vou ao médico. Estarei lá à espera, quando vocês chegarem. (*sai: os servos vão agarrar Menecmo*)

MEN. (*à parte*) — Estou morto. Que negócio é esse? Por que avançam sobre mim esses homens? (*alto*) Misericórdia! Que querem vocês? O que procuram? Por que me cercam? Para onde me arrastam? Aonde me levam? Estou perdido! Por sua honra, cidadãos de Epidano, socorro! Larguem-me!

MES. (*à parte*) — Deuses imortais! Misericórdia! Que estou vendo com os meus olhos? Desconhecidos erguendo do chão e carregando o meu amo? Que afronta!

MEN. — Há algum valente que me acuda?

MES. — Eu, meu amo, com toda bravura! Que brutalidade, cidadãos de Epidano! Que afronta! Aqui, numa cidade pacífica, arrebataram na rua, em pleno dia, o meu amo, um homem livre, que visita os senhores! Larguem-no!

MEN. — Eu lhe suplico, quem quer que seja o senhor, que me so-

escandaloso ultraje.

MES. — Não! Eu vou socorrê-lo, defendê-lo e acudi-lo zelosamente. Nunca permitirei que o senhor pereça; antes eu! Arranque o olho desse que lhe segura o ombro, meu senhor, eu lhe peço. A estes outros eu já lhes vou arrotear a cara e semear meus socos. Por Hércules! Juro que muito caro lhes custará carregar o meu amo. (*atalhando-os*) Larguem-no!

MEN. — O olho deste eu já pequi.

MES. — Faça que lhe apareça o lugar do olho na cara. Bandidos! Ladrões! (*distribuindo socos*) Bandedeiros!

SERVOS. — Estamos perdidos! Piedade, por Hércules!

MEN. — Então, larguem-no.

MEN. — Com que direito vocês põem a mão em mim? Meta-lhes os punhos! (*os servos largam Menecmo e fogem*)

MES. — Fora daqui! Sumam-se daqui para os quintos! (*com um pontapé no traseiro do último a sair*) Tome para você! É o seu prêmio por ser o derradeiro. Cheguei em momento por demais oportuno e para meu inteiro prazer. Caramba, meu amo! que apareci bem a tempo para socorrê-lo!

MEN. — Que os deuses o cubram sempre de bênçãos, moço, quem quer que você seja. Não fora você, eu hoje não chegaria vivo ao pôr do sol.

MES. — Pois bem, meu amo; se o senhor quer ser bom, caramba! Alforrie-me.

MEN. — Eu alforriá-lo?

MES. — Sim, meu amo, uma vez que eu o salvei.

enganado.

MES. — Enganado? Por quê?

MEN. — Por Júpiter, nosso pai, juro que seu amo não sou eu.

MES. — Não diga isso!

MEN. — Não estou mentindo. Servo meu nunca me fez o que me fez você.

MES. — Pois então, se o senhor diz que não lhe pertence, deixe-me partir em liberdade.

MEN. — Ora, por mim, pode ser livre e ir aonde lhe aprouver.

MES. — Sério? Permite?

MEN. — Permito, ora bolas! se tiver algum poder sobre você.

MES. — Eu o saúdo, meu patrono! (*imaginando diálogo com amigos*) "Muito prazer em ver você livre. Messenião! — Bem o creio, obrigado!" — Mas, meu patrono, eu lhe peço, continue a mandar em mim tanto quanto antes, quando era seu escravo. Morarei com o senhor e, quando partir, irei consigo para casa.

MEN. — Ah! isso, não!

MES. — Agora vou à estalagem, buscar as bagagens e o dinheiro. A bolsa com o dinheiro da viagem está inviolada na mala. Eu a trarei num instante.

MEN. — Não demore.

MES. — Eu a restituirei intacta, como me entregou. Espere-me aqui. (*sai*)

MEN. — Quanta coisa esquisita me aconteceu hoje! Que estranho! Uns a dizer que não sou quem sou e fechando-me a porta, e este escravo a asseverar que é meu e eu acabo de alforriá-lo! Diz que me vai trazer uma bolsa de dinheiro. Se me trouber dir-lheei que se vá em liberdade

para onde quiser: isso para não se vir reclamar o dinheiro quando sair pela estória. O sogro e o médico a dizerem que eu estou louco. Que será? pergunto com espanto. Isso tudo me parece não passar de um sonho. Agora vou entrar em casa de minha rapariga, apesar de sua zanga comigo: talvez a possa convencer a devolver-me a mantilha, a fim de levá-la para casa. (sai)

### Cena 9

#### Sósicles e Meneemo

SÓS. (entra, seguido de Mes.) — Então, seu atrevido, você ousa afirmar que se encontrou comigo aqui em algum lugar, depois que lhe mandei vir ter comigo aqui?

MES. — De mais a mais, junto desta casa, eu o arrebatei a quatro homens, que o carregavam. O senhor estava apelando para os deuses e todo o mundo, quando eu acorri, arrebanquei o senhor a poder de punhaladas, apesar da resistência. Foi isso, porque o salvei, o senhor me alforricou. Mas, quando eu disse que ia buscar o dinheiro e a bagagem, o senhor correu adiante quanto deram as pernas, para poder negar o que fez.

SÓS. — Eu lhe dei liberdade?

MES. — Claro!

SÓS. — Ora! Se a alguma coisa estou decidido, é a antes me tornar servo e próprio do que dar alforria a você.

### Cena 10

#### Os Mesmos e Meneemo

MEN. (deixando a casa de Erócica para dentro) — Ainda que você

jurem pelos olhos da cara, nem assim — palavra de honra! conseguindo fazer que eu tenha levado daqui o manto e o bracelete, suas ordinárias!

MES. — Deuses imortais! O que estão vendo?

SÓS. — O que é que você está vendo?

MES. — A sua imagem!

SÓS. — O quê?

MES. — É o seu retrato: tão igual quanto pode ser.

SÓS. — É verdade, caramba! Quando me lembro dos meus traços, ele é tal qual!

MEN. (a Mes.) — Salve, moço, seja quem for que me salvou.

MES. — Moço, por favor, diga-me o seu nome, se não vê inconveniente.

MEN. — Oh! não, caramba! Não há inconveniente nenhum em fazer-lhe uma gentileza que quiser, visto como lhe devo tanto. Chamo-me Meneemo.

SÓS. — Não diga! Meneemo sou eu!

MEN. — Eu sou siciliano, de Siracusa.

SÓS. — Esse é meu lar e minha pátria.

MEN. — O que me diz?

SÓS. — A realidade.

MEN. (indicando Mes.) — Estou reconhecendo este: é o meu amo. Eu, de fato, sou servo deste e pensei que era deuse. Eu pensava que ele era o senhor e cheguei até a importuná-lo. Peço que me perdoe, sem o saber, disse alguma asneira.

SÓS. — Você parece que delira; não se lembra de ter desembarcado hoje comigo?

MES. (a Sós.) — Ora, o que o senhor diz é verdade. O senhor pode procurar outro escravo. (a Sós.) Ao senhor, minhas saudações; (a Men.) ao senhor, meus adeuses. Declaro que este é que é Meneemo.

MEN. — E -eu declaro que Meneemo sou eu.

SÓS. — Que estória é essa? Meneemo o senhor?

MEN. — Afirmo que sim; Meneemo, filho de Mosco.

SÓS. — O senhor, filho de meu pai?

MEN. — Não do seu, moço; do meu. Não pretendo tomar do senhor o seu, nem arrebatá-lo.

MES. (à parte) — Deuses imortais! Dai-me que se concretizem inesperadamente as minhas esperanças, como imagino. Se não me iludo, estes são dois irmãos gêmeos; declararam ambos de modo igual qual a sua pátria e quem o seu pai. Chamarei meu amo à parte. (alto) Sr. Meneemo!

MEN. {  
< Que é?

SÓS. {

MES. — Não quero os dois; só aquele dos senhores que viajou comigo no navio.

MEN. — Não sou eu.

SÓS. — Sou eu.

MES. — Então, é ao senhor que quero. Venha aqui.

SÓS. — Aqui estou. Que é?

MES. — Aquele homem ou é um embusteiro ou é o seu irmão gêmeo. Eu nunca vi um homem parecer mais com outro; duas gotas de água ou de leite não se parecem mais do

que ele com o senhor e o senhor com ele, acredite-me; depois, ele mencionou a mesma pátria e o mesmo pai. O melhor é ir ter com ele e inquire-lo.

SÓS. — Palavra, que você me deu um bom conselho e lho agradeço. Toque o negócio para diante, eu lho peço, caramba! Se apurar que ele é meu irmão, você será livre.

MES. — Assim espero.

SÓS. — Eu também espero que assim seja.

MES. (a Men.) — Diga-me uma coisa; o senhor, parece, dizia que se chama Menecmo?

MEN. — Realmente.

MES. — Ele igualmente se chama Menecmo. O senhor diz ter nascido em Siracusa, na Círcia; ele nasceu lá. O senhor diz que seu pai era Mosco; também o era o dele. Agora podem ambos prestar um obséquio a mim e ao mesmo tempo a si próprios.

MEN. — Você merece obter de mim tudo quanto pedir. Eu, apesar de livre, servirei a você como se me tivesse comprado a dinheiro.

MES. — Eu tenho esperança de apurar que os senhores são dois irmãos gêmeos, nascidos no mesmo dia, do mesmo pai e da mesma mãe.

MEN. — É maravilhoso o que você diz! Oxalá possa cumprir a promessa.

MES. — Poeta. Mas agora, vamos, diga-me cada um o que eu perguntar.

MEN. — Quando quiser, pergunte, eu responderei; não calarei nada do que sei.

MES. (a Men.) — O senhor se chama Menecmo?

MEN. — Sim.

MES. (a Sós.) — O senhor também?

SÓS. — Eu também.

MES. (a Men.) — O senhor diz que seu pai era de Mosco?

MEN. — Sim, de fato.

SÓS. — Também o meu.

MES. (a Men.) — O senhor é siracusano?

MEN. — Sem dúvida.

MES. (a Sós.) — E o senhor?

SÓS. — Como não?

MES. — Os indícios até aqui se combinam perfeitamente. Continuem atentos. (a Men.) Diga-me qual sua mais remota lembrança da pátria.

MEN. — Que parti com meu pai para Tarento, a negócios. Depois me perdi de meu pai no meio do povo e de lá me levaram embora.

SÓS. — Júpiter Altíssimo, vem em meu socorro!

MES. (a Sós.) — Por que está gritando? Cale-se. (a Men.) Quantos anos tinha quando seu pai deixou a pátria consigo?

MEN. — Sete, pois estava perdendo os dentes de leite. Depois disso, nunca mais vi meu pai.

MES. — Outra coisa; quantos irmãos eram os senhores?

MEN. — Segundo ainda me lembro, dois.

MES. — Qual dos dois era o mais velho? O senhor ou o outro?

MEN. — Tínhamos a mesma idade.

MES. — Como é possível isso?

MEN. — Éramos gêmeos.

SÓS. — Os deuses me querem salvo!

MES. (a Sós.) — Se o senhor interrompe, eu me calo.

SÓS. — Não; eu fico calado.

MES. (a Men.) — Diga-me; os dois tinham o mesmo nome?

MEN. — Não, eu tinha o mesmo nome de hoje, Menecmo; a ele então chamavam Sósicles.

SÓS. — Reconheço os indícios; não posso mais ter mão em mim, que não o abraço. Meu mano, meu irmão gêmeo! Eu o saúdo! Sósicles sou eu! (vai abraçá-lo mas Menecmo o detém)

MEN. — Como foi então que passou a chamar-se Menecmo?

SÓS. — Quando nos comunicaram o seu desaparecimento e a morte de papai, vovô mudou o meu nome, dando-me o de você.

MEN. — Acredito que foi como diz; mas responda-me uma coisa.

SÓS. — Pergunte.

MEN. — Como se chamava nossa mãe?

SÓS. — Teunimarca.

MEN. — Combina. (abraçando-o) Salve, ó inesperado, que torno a ver depois de tantos anos!

SÓS. — Salve também você, meu irmão, que venho procurando até hoje através de tantos sofrimentos e fadigas e encontro com tanta alegria!

MES. (a Sós.) — É por isso que essa rapariga o chamava pelo nome dele; ela cuidava que o senhor fosse ele, penso eu, quando o chamava para jantar.

MEN. — Ora, eu realmente mandei hoje preparar ali um jantar, a escondidas de minha mulher, a quem há pouco sorripi de casa uma mantilha, que dei a essa.

SÓS. — Você se refere a esta mantilha que eu trago, mano?

MEN. — É essa. Como foi parar em suas mãos?

SÓS. — Essa rapariga, que me levou aí para jantar, dizia que eu lha havia dado. Jantei otimamente, bebi

e deitei ao lado da rapariga. Sai com esta mantilha e esta jóia. (mostra o bracelete)

MEN. — Palavra! folgo de que tenha tido bons momentos por minha causa, porque quando ela o chamou, cuidava fosse eu.

MES. (a Sós.) — Importa ao senhor que eu me considere livre, como me autorizou?

MEN. — O que ele pede, mano, é o que há de mais certo e mais justo. Faça-o por mim.

SÓS. — Seja livre.

MEN. — Muito prazer em ver você livre, Messenião.

MES. — Porém, para que eu permaneça livre para sempre, requer-se um auspício melhor.

SÓS. — Meu irmão, é que tudo saiu como quiséramos, voltemos juntos para nossa terra.

MEN. — Farei como você quer, mano. Farei aqui um leilão para vender tudo. Entretanto, mano, vamos entrar.

SÓS. — Vamos.

MES. — Os senhores sabem o que lhes peço?

MEN. — O que é?

MES. — Que me dêem o encargo de leiloeiro.

MEN. — Será seu.

MES. — Quer que anuncie o leilão já?

MEN. — Sim, para dentro de uma semana. (sai com Sósicles)

MES. (ao público, apregoando) — Menecme vai vender os seus bens em leilão daqui a uma semana. Serão vendidos os escravos, a mobília, o terreno, a casa. Tudo será vendido ao correr do martelo, à vista. A mulher também, se aparecer compra-

dor. Acho que o leilão todo mal renderá uns cinqüenta centaves. Agora, espectadores, adeus e dêem-nos aplausos vibrantes.

- Pano -

